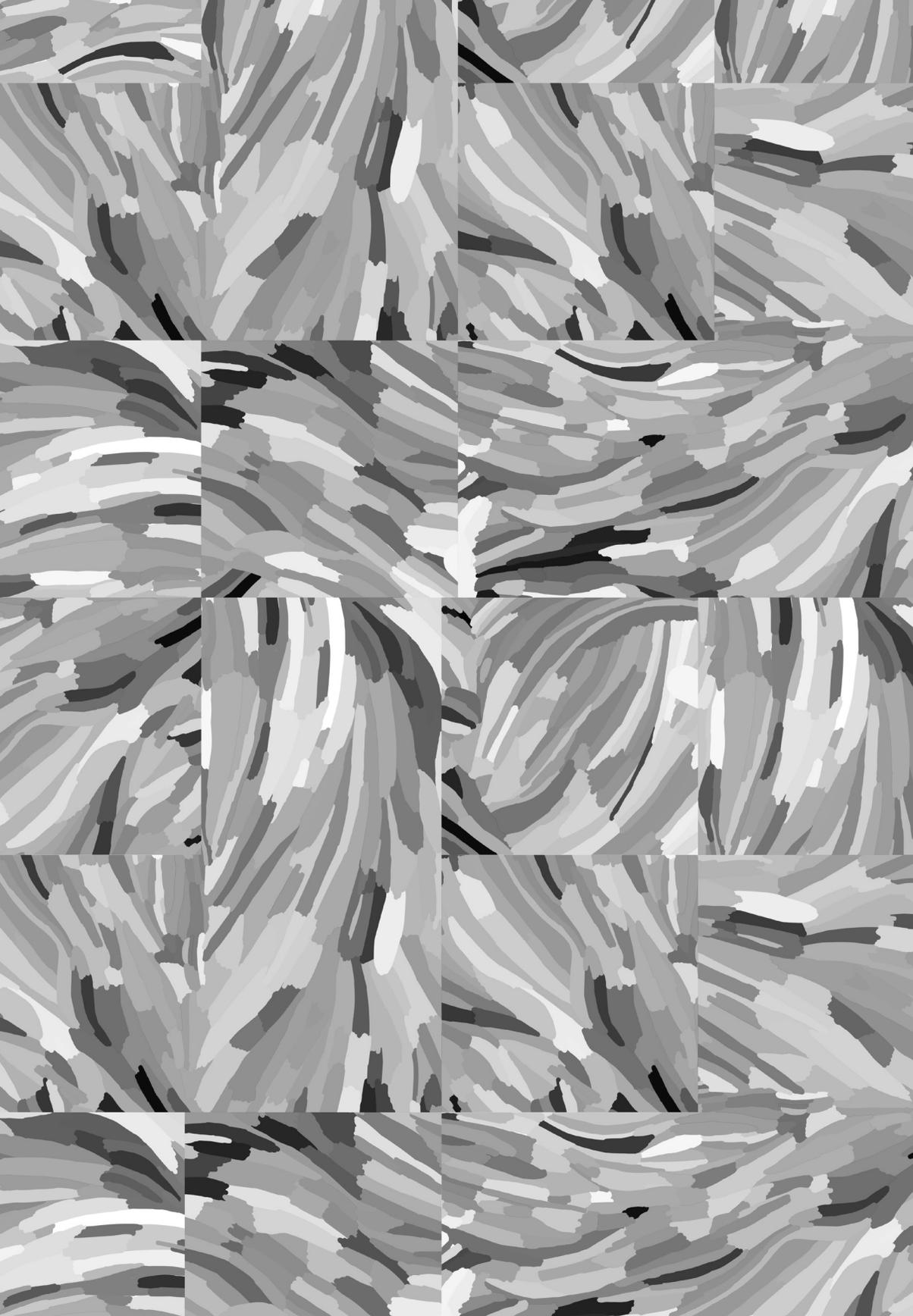
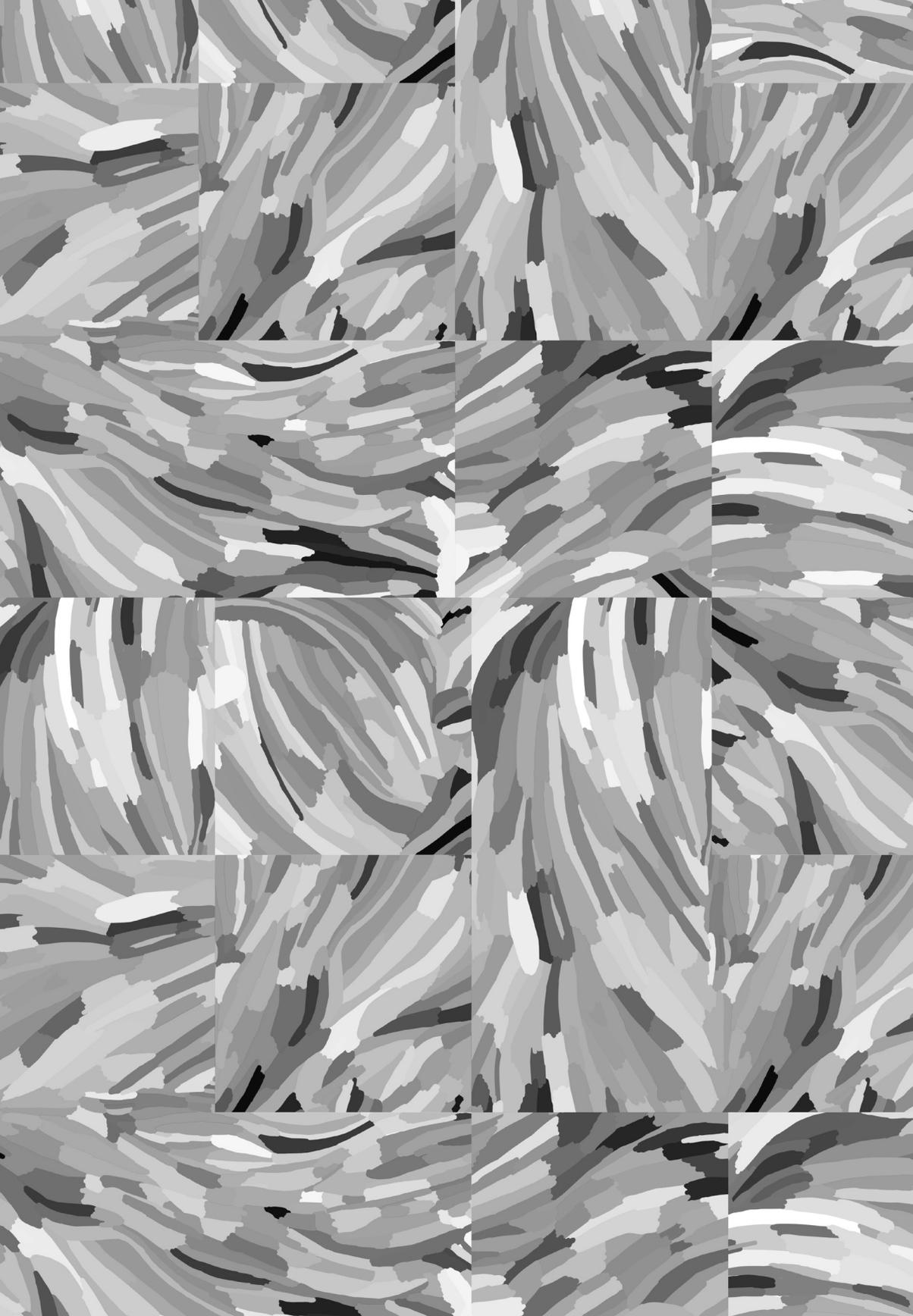


FALAR DE JESUS

a partir das testemunhas de Jesus
Nazareno no Evangelho de Marcos

Sidney Sanches





Em memória

do professor Johan Konings, cuja
amizade e respeito pude cultivar no
período do doutorado e pós-doutorado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
O testemunho das Escrituras	19
PRIMEIRA PARTE	
O Evangelho de Marcos como uma narrativa testemunhal	32
CAPÍTULO 1	
Transmissão oral, testemunhas e testemunhos	37
Transmissão oral no Evangelho de Marcos	43
Um estudo de caso	51
CAPÍTULO 2	
Narrativa testemunhal	59
Enredo	59
Personagens	61
Ponto(s) de vista	62
Os efeitos	66
CAPÍTULO 3	
O Evangelho de Marcos como narrativa testemunhal	69
O plano narrativo	71
Os personagens	78
As testemunhas	81
Testemunhos e a publicização: o acolhimento dos testemunhos sobre Jesus	89
SEGUNDA PARTE	96
CAPÍTULO 4	
Conhecimento e testemunho: pode-se confiar nele?	101
Quanto sabe e como sabe a testemunha	101
Práticas linguísticas e sociais de transmissão do testemunho	108
Socialização do testemunho	111
Ética do testemunho	116

Notas para uma leitura do testemunho no Evangelho de Marcos	122
CAPÍTULO 5	
Testemunho, história, narrativa e ficção	139
Testemunho e o hábito de historiar	140
Testemunho e o hábito de narrar	143
Testemunho e o hábito de memorizar	150
Testemunho e o hábito de imaginar	158
Notas para uma leitura do testemunho no Evangelho de Marcos	163
CAPÍTULO 6	
Testemunho e literatura testemunhante	183
O teor testemunhal no texto literário	183
Literatura testemunhal	186
O testemunho entre ouvir e ler	194
Notas para uma leitura do testemunho no Evangelho de Marcos	201
TERCEIRA PARTE	
Retomando o testemunho de Jesus Nazareno hoje	216
Falar de Jesus hoje a partir do testemunho da comunidade seguidora	219
Falar de Jesus hoje a partir do testemunho público e pessoal	256
PÓS-ESCRITO	282
REFERÊNCIAS	290

TALKIN' HAWKIN'

Pink Floyd

Speech has allowed the communication of ideas
Enabling human beings to work together
To build the impossible
Mankind's greatest achievements
Have come about by talking
Our greatest hopes could become
Reality in the future
With the technology at our disposal
The possibilities are unbounded
All we need to do is make sure we keep talking.

Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras!
Quem me dera fossem gravadas em livro!
Que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem
esculpidas na rocha!

Jó 19.23, 24

Jó

“Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor.”

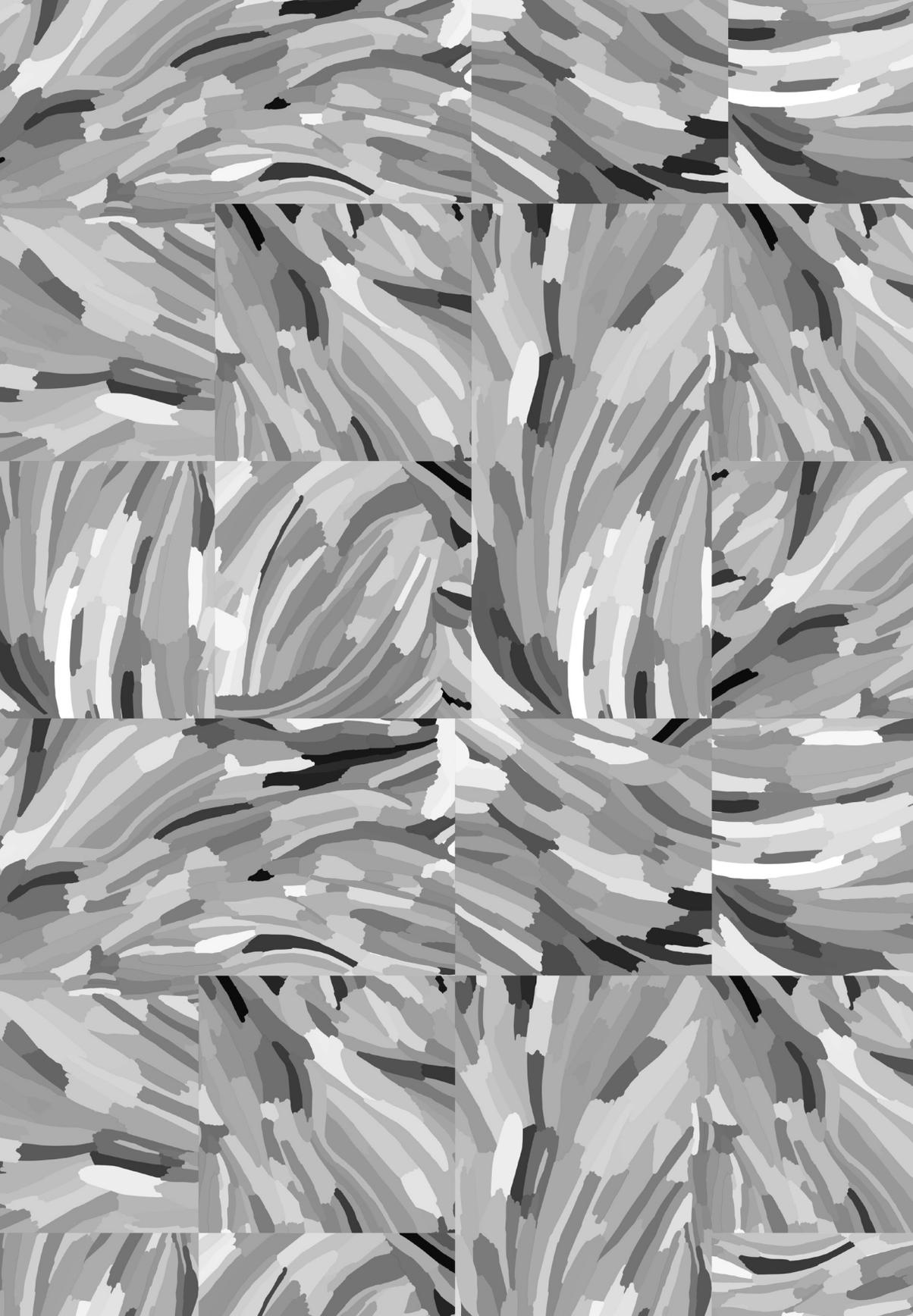
Isaías 43.10-12

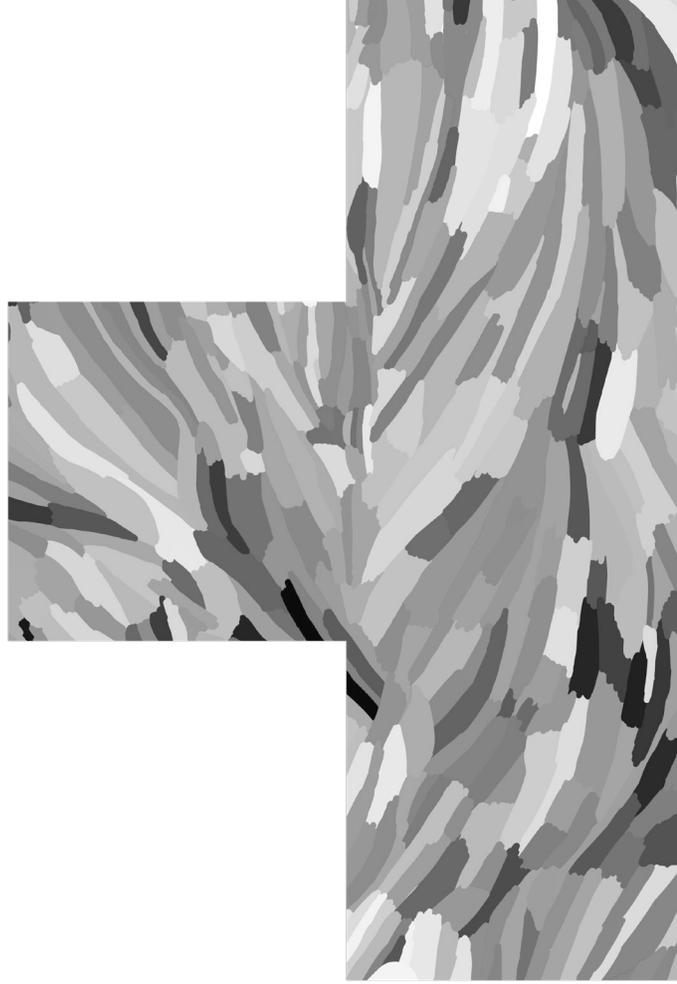
O Senhor a Israel

“E sereis minhas testemunhas.”

Atos 1.8

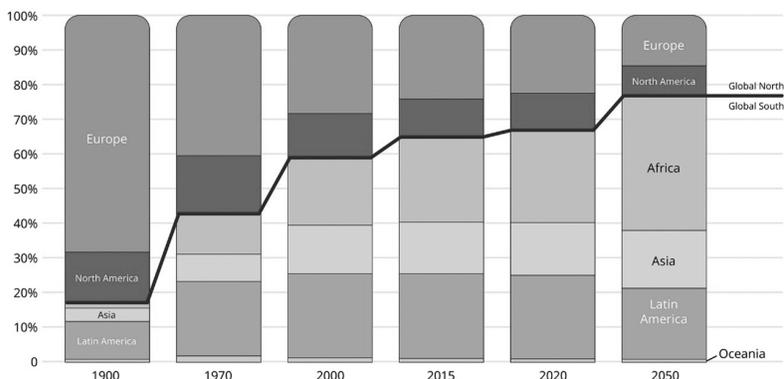
Jesus de Nazaré a seus/suas seguidores/as





INTRODUÇÃO

Vivemos, hoje, um deslocamento da presença cristã no mundo. O Norte global está cada vez mais esvaziado dela, enquanto o Sul global vive um crescimento de cristãos e de cristãs sem precedentes e incomparável até com outras religiões globais, regionais e locais. Estudos atuais mostram que, para 2050, algo em torno de 80% da presença cristã no mundo estará no Sul global: África, Ásia e América Latina.



Fonte. World Christian Encyclopedia pgs. 8, 10, 12, 14, 16¹

Boa parte da representação identitária dessa presença cristã é carismática ou pentecostal. E isto por uma boa razão: as pessoas identificadas com essa experiência cristã são altamente envolvidas no testemunho, elas falam de Jesus em toda parte e em todo lugar, mas principalmente no ambiente de suas relações pessoais e coletivas. E isso é importante por outra boa razão: pessoas, quando falam às outras

1 Disponível em: <https://lausanne.org/report/polycentric-christianity/christian-growth>. Acesso em: 09/05/2024.

em seu próprio ambiente, tendem a reproduzir a cultura na qual ambos nasceram e foram criados, de modo que, cada vez mais, a presença cristã será mais contextualmente identificada com esses ambientes em um processo crescente e contínuo de desocidentalização. A presença cristã será cada vez mais popular porque será cada vez mais testemunhada por pessoas do próprio lugar no qual dão seu testemunho. Por isso mesmo, é bem provável que os processos de descolonização e de decolonização estejam já acontecendo sem que tenham sido observados pela maioria dos teóricos e das teóricas do tema.

Por mais que denominações e congregações cristãs estejam crescendo no Sul global, exceto aquelas vinculadas ao catolicismo e aos protestantismos clássicos com suas origens no Norte global, o aumento da presença cristã depende das testemunhas dispostas a falar de Jesus a partir de sua experiência de vida.

Falar é uma experiência antropológica inerente à nossa condição humana. Enquanto falamos trocamos ideias uns com os outros e fazemos coisas comuns e extraordinárias. Também, porque queremos que nossas ideias e realizações, nossas experiências, sobrevivam ao tempo e sejam conhecidas por outras pessoas é que registramos nossas palavras em algum material que dure para sempre: barro, pedra, papel, a tela de um computador ou celular, as artes etc. Por eles e neles deixamos nosso testemunho, de nós e de nosso tempo, como dizem Fux e Cei (2012, p. 141):

Embora a literatura sempre tivesse apresentado um teor testemunhal, a dimensão atingida por tal teor no século xx seria tão expressiva que iluminaria toda a tradição literária, fazendo-nos perceber o elemento testemunhal das obras que até então não teriam sido explicitados nem devidamente teorizados. Assim, a literatura de testemunho surgida no século xx mobilizar-nos-ia a modificar nossa concepção acerca do passado, e também do futuro.

O testemunho, então, é um desses meios de comunicação humana, oral e escrita; uma linguagem que exige tanta arte e criatividade quanto qualquer outra. Hoje, mais do que no passado, o testemunho dá conta do presente apontando o acontecimento, conforme Seligmann-Silva (2003, p. 10):

A autoridade do testemunho deriva do fato de que o narrador é alguém que tem presenciado ou experimentado na própria pessoa – ou indiretamente através da experiência de amigos, familiares, vizinhos, etc – os acontecimentos que narra. O que dá forma e sentido a esses acontecimentos – isto é, o que os torna história – é a relação entre a sequência temporal dos acontecimentos e a sequência da vida do narrador ou narradores, plasmada na estrutura verbal do texto testemunhal.

Não podemos viver sem o testemunho, escrito e oral, e ele não pode ser dispensado como fonte de conhecimento, e de orientação e organização da vida individual e social, como afirma Lackey (2008, p. 13):

Testemunho é uma fonte valiosa de conhecimento. Nós confiamos nos relatos daqueles ao nosso redor desde os ingredientes de nossa comida e remédios até a identidade dos membros de nossa família, desde a história de nossa civilização até os limites e assuntos de nosso planeta. Se nós recusamos aceitar o que outros nos dizem, nossas vidas, tanto do ponto de vista prático quanto intelectual, seriam irreconhecíveis.

O testemunho é uma linguagem poderosa e mobilizadora da atenção humana. Por isso o escritor do Evangelho de Marcos selecionou diversos testemunhos, introduzindo-os em uma sequência narrativa, para contar a vida de Jesus de Nazaré. Eles dão conta da memória, individual e coletiva, das pessoas que conviveram com Jesus desde o seu primeiro encontro com ele:

Procuravam-no diligentemente Simão e os que com ele estavam. Tendo-o encontrado, lhe disseram: Todos te buscam. Jesus, porém, lhes disse: Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim

de que pregue também ali, pois para isso é que eu vim. Então, foi por toda a Galileia, pregando nas sinagogas deles e expelindo os demônios ... a ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos; e de toda parte vinham ter com ele. Mc 1.36-39, 45

É claro que esse resumo diz muito mais: em uma região não pequena, como a Galileia, as pessoas falavam sobre Jesus, o que motivava mais e mais pessoas a vir até ele e, por consequência, mais e mais pessoas falavam sobre Jesus. Esse falar sem medida foi o que motivou a notoriedade que Jesus alcançou em tão pouco tempo.

Testemunhos são dados porque existem as testemunhas e, no caso do Evangelho, eram pessoas que viviam seu cotidiano muito pouco significativo, importante ou admirável para chamar a atenção. Era um mundo de gente subalterna, vivendo suas vidas invisivelmente e até sofrendo preconceito e rejeição. Testemunhas de pouca credibilidade ou respeitabilidade cuja condição é invertida quando Jesus chega a esse mundo: um cego enxerga, um leproso é purificado, uma mulher é curada do seu mal. Essa memória viva divulgada por aqueles e aquelas que foram, de algum modo, afetadas pela pessoa, pelo ensino e pelas ações de Jesus, originou, sustentou e encorajou um modo diferente de viver na realidade conhecida: “Tudo ele tem feito esplendidamente bem: não somente faz ouvir os surdos, como falar os mudos” (Mc 7.37).

A linguagem testemunhal do Evangelho de Marcos aponta o caminho para que a presença cristã continue cada vez mais evidente no mundo de hoje: é preciso falar de Jesus, ou, de outra maneira: é preciso deixar que as testemunhas falem de Jesus, no meio público ou privado, nas relações pessoais ou coletivas, entre maiorias ou minorias, em todos os ambientes e lugares. E não seria a tarefa teológica recolher os testemunhos dados pelas testemunhas, individual e coletivamente, tal como Marcos o fez, a fim de reconstruir a presença cristã no mundo hoje?

O testemunho das Escrituras

As Escrituras dão testemunho de Deus e de Jesus. Isso significa que elas reúnem conjuntos de declarações, positivas e negativas acerca de ambos, dadas por testemunhas, a partir das quais Deus e Jesus são conhecidos e reconhecíveis em seus atos e palavras. Essas declarações foram transmitidas oralmente, depois coletadas pelos escribas e, por fim, registradas nos textos bíblicos que conhecemos como Bíblia Hebraica, ou Antigo Testamento, cujas testemunhas são reunidas sob o tema do Israel bíblico servidor de Deus/Javé; e o Novo Testamento, cujas testemunhas são reunidas sob o tema das comunidades jesusânicas seguidoras de Jesus de Nazaré/Cristo.

No Israel bíblico

Para Brueggemann (2014), o lugar do testemunho do Israel bíblico é entre as nações entre as quais ele vive. Nesse espaço, à semelhança de um tribunal, a verdade de Deus conforme reconhecida pelo povo israelita, é apresentada seguindo um procedimento que é:

Testemunho. Um discurso persuasivo e válido, que pede aceitação em meio a afirmações contrárias, por isso mesmo aberto a revisões.

Disputa. Esse discurso mede forças com outros discursos, ora conflitantes, ora competidores, exigindo o exame rigoroso a fim de estabelecer aquele que melhor explica a realidade.

Defesa. Uma vez estabelecido o discurso verdadeiro, a realidade passa a ser vista a partir dele em confronto e contraste com outros discursos.

No Antigo Testamento temos a melhor versão israelita, que prevaleceu sobre outras versões ao dizer da forma mais adequada o que Deus fez e falou a Israel. Esse discurso pode ser reduzido ao

enunciado mais fundamental de uma sentença declaratória formada pela seguinte sintaxe testemunhal:

SUJEITO = Deus

VERBO = agir de Deus

OBJETO = criação, as nações, Israel, coletiva e individualmente

Essa gramática normativa apoia a reivindicação central da fé de Israel na qual: “Toda realidade é abrangida nessa sentença simples, organizada em torno do verbo. É o verbo que liga Javé ao objeto – sejam pessoas individuais, Israel, a criação ou as nações” (BRUEGGEMANN, 2014, p. 187).

Como exemplo tem-se o salmo 40.2: “Tirou-me de um poço de perdição, de um tremedal de lama; colocou-me os pés sobre uma rocha e me firmou os passos”. Conforme a sintaxe testemunhal:

SUJEITO = Deus: (Ele)

VERBO = agir de Deus: tirou de...(...) colocou sobre...(...) firmou...

OBJETO = individualmente: a mim

Os três verbos ligam Deus ao indivíduo, sendo que é deste que parte o relato, pois a declaração que ele faz supõe um acontecimento, amplo o bastante para que qualquer um ou qualquer uma se encaixe nela. Ele diz de algo que Deus fez por ele, pelo qual ele é bastante agradecido, e, por isso louva a Deus: “E me pôs nos lábios um novo cântico, um hino de louvor ao nosso Deus” (Sl 40.3).

Por que esse testemunho é dado? Há um objetivo em fazê-lo? A própria testemunha afirma que: “muitos verão essas coisas, temerão e confiarão no Senhor” (Sl 40.3). Veja que o testemunho funciona como um modo de divulgar a Deus por meio de seus feitos incomparáveis, o que o torna distinto dos outros deuses, e de convencer a outros, israelitas ou não, a buscarem a Deus. Observe o que ele diz a seguir: “São muitas, Senhor, Deus meu, as maravilhas que tens operado e também os teus desígnios para conosco; ninguém há que se possa

igualar contigo. Eu quisera anuncia-los e deles falar, mas são mais do que se pode contar” (Sl 40.4, 5). Qualquer um ou qualquer uma se sente identificado com tal testemunho, pois não é difícil situá-lo em sua condição de vida.

Isso se deve a que o testemunho israelita “...é poderosamente polifônico, tanto em suas reivindicações essenciais quanto em seus modos de articulação caracteristicamente elusivos” (BRUEGGEMANN, 2014, p. 943).

E, continua:

A abertura polifônica do Antigo Testamento, em essência e modos de articulação, insiste em uma interpretação. Está na natureza exigir, em cada nova circunstância de leitura, um ato interpretativo que aproxima o texto das circunstâncias e horizonte da comunidade interpretativa. Além disso, a qualidade elusiva do texto evoca uma interpretação que seja livre, expansiva e bastante imaginativa. (BRUEGGEMANN, 2014, p. 944)

Polifonia é a soma de duas palavras gregas: *polys* (= grande em magnitude ou quantidade, muito, abundante); somado a *fônê* (= o som, a voz, a fala ou discurso, a língua, a linguagem). Admitir que uma declaração sobre Deus é polifônica é o mesmo que dizer que há uma pluralidade de sons, vozes, discursos, línguas e linguagens presentes nela, sendo possível discernir um sentido dentre vários, o que demanda uma interpretação imaginativa.

Tome-se o salmo 23.1, em sua segunda parte: “nada me faltará”. É uma declaração que Davi faz sobre Deus como consequência de ele ser o seu pastor. Essa relação entre causa: “(Porque) o Senhor é o meu pastor”; e consequência: “nada me faltará”. O verbo “faltar” se desdobra em vários outros verbos: alimentar, repousar, guiar, acompanhar no vale da sombra da morte, consolar, preparar uma mesa na presença dos inimigos, ungi a cabeça com óleo, transbordar o cálice. Ao final, a testemunha resume tudo na atitude compassiva e misericordiosa do pastor que abre sua casa para ser seu aprisco, para que ele fique seguro nela para o resto de sua